



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 9 | Nº. 16 | Jan./Jun. de 2017

**Darlan de Oliveira Reis  
Junior**

*Curso de História da Universidade  
Regional do Cariri - URCA  
professordarlan@gmail.com*

# CÓLERA, VARÍOLA E FOME NO INTERIOR DA PROVÍNCIA DO CEARÁ: AS CRISES SOCIAIS NO CARIRI DO SÉCULO XIX

---

## RESUMO

Na segunda metade do século XIX, a região conhecida por Cariri cearense, localizada no extremo sul da província do Ceará, vivenciou epidemias de cólera, varíola e fome. O artigo discute a repercussão desses fenômenos e como os mesmos estão relacionados às crises sociais que atingiam a população pobre, livres, escravizados e indígenas, bem como as ações estatais.

**Palavras-chave:** Epidemias; Ação do Estado.

---

## ABSTRACT

In the second half of the 19th century, the region known as Cariri cearense, located in the extreme south of the province of Ceará, experienced epidemics of cholera, smallpox and famine. The article discusses the repercussion of these phenomena and how they are related to the social crises that affected the poor, free, enslaved and indigenous population, as well as state actions.

**Keywords:** Epidemics; State action.

## INTRODUÇÃO

No Brasil Império, com uma sociedade marcada por fortes desigualdades econômicas, escravidão, pobreza, discriminação das classes subordinadas e patrimonialismo, havia um permanente estado de tensão por parte das autoridades constituídas e por setores das classes senhoriais. O medo das chamadas “classes perigosas”, da violência vista como inerente às mesmas, da insurreição dos escravos, das rebeliões dos pobres, traduzia-se em formas de leis, estruturas policiais, discursos e na elaboração de uma espécie de saber destinado ao controle social. Por outro lado, as classes subordinadas também tinham seus receios. Pequenos camponeses temiam perder suas terras para os grandes fazendeiros, por exemplo. Havia o medo da fome, da miséria, que assolavam as camadas pobres. Os libertos temiam a reescravização, assim como, homens e mulheres que eram livres, segundo a legislação da época, temiam a chamada “escravização ilegal”. Os escravizados sofriam, além da própria violência que é a escravidão, com a violência física, o temor da venda e separação dos arranjos familiares, a discriminação de outros setores, enfim, com todo o estigma das relações escravistas.

Dos receios e das injustiças em que viviam, as classes subordinadas reagiam de diferentes maneiras: nas lutas individuais, na criação de seus códigos culturais forjados na resistência, nas lutas coletivas, ao entrarem em conflitos que se apresentavam de forma dissimulada, ou, ocorriam em campo aberto. Entendo que o conflito social pode ser explicado em termos de classe. Mesmo que o conflito não fosse compreendido em termos “classistas” pelos contemporâneos<sup>1</sup>. Assim, os conflitos sociais, que derivavam das tensões próprias da formação social brasileira, eram traduzidos na ocorrência da criminalidade, da violência, nas disputas por terras, nas revoltas contra as medidas governamentais, nas crises sociais relacionadas às epidemias, calamidades climáticas, doenças, enfim, todo um conjunto de problemas que eram entendidos de maneiras diversas pelos grupos sociais.

Existiram momentos de crise social na segunda metade do século XIX marcados pela ocorrência de calamidades, tais como epidemias de cólera, de varíola, de febre

---

<sup>1</sup> “Isso sublinha, portanto, o fato de a classe, no seu sentido heurístico, ser inseparável da noção de ‘luta de classes’. A meu juízo, foi dada excessiva atenção, frequentemente de maneira anti-histórica, à “classe”, e muito pouca, ao contrário, à ‘luta de classes’”. In: THOMPSON, Edward P. Algumas observações sobre classe e “falsa consciência”. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. – Organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 274.

gástrica e de fome generalizada. Outros tipos de fenômenos, geralmente associados à questão climática, como as secas e as enchentes, se fizeram presentes, marcando a história do Cariri, bem como, da região Nordeste<sup>2</sup>. Esses fenômenos repercutiram de diferentes maneiras: nas relações sociais, na organização do trabalho, nas ações de governo e nas explicações sobre os problemas regionais. Os fenômenos das doenças sociais e da fome devem ser estudados do ponto de vista histórico, pois várias das catástrofes ditas “naturais”, na verdade, tem um profundo componente social.

## EPIDEMIAS E CRISE SOCIAL NO CARIRI CEARENSE

O problema do imperativo alimentar é o mais antigo, o mais constante e a preocupação mais geral na condição camponesa<sup>3</sup>. Antonio Cândido ressalta que a questão da alimentação, ilustra o caráter de sequência ininterrupta das relações dos seres humanos com o meio, tornando-se o centro de um dos mais vastos complexos culturais, abrangendo atos, normas, símbolos e representações<sup>4</sup>. Segundo Mike Davis, a fome é uma relação social catastrófica entre grupos desigualmente dotados, que leva em conta a desnutrição crônica e a pobreza rural invisível. Ela pode ser ativada pela guerra, pela depressão, pelos fenômenos climáticos, por algo chamado como “desenvolvimento”, ou por uma interação de diferentes fatores.

Assim, a fome inclui a miséria e o colapso social. Além disso, a sinergia da fome com a doença se dá de dois modos diferentes, porém reforçados mutuamente: a desnutrição e a eliminação do sistema imunológico, que intensificam a suscetibilidade para as doenças. Os ambientes insalubres congestionados, como os campos de refugiados e os asilos de pobres, aumentam a exposição e a transmissão das enfermidades<sup>5</sup>. Mike Davis explica ainda que a fome é um fenômeno social que não se traduz na ausência absoluta de alimentos, mas sim, na falta de acesso aos mesmos, por

---

<sup>2</sup> Tanto as províncias do que hoje são denominados os estados da região Nordeste, bem como aqueles da região Norte, no século XIX eram referidos como sendo do “Norte” do país, em contraposição às províncias do “Sul”.

<sup>3</sup> REMOND, René. **O século XIX – 1815-1914**. – tradução de Frederico Pessoa de Barros – 7 ed. - São Paulo: Cultrix, 1995, p. 125.

<sup>4</sup> CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira e a transformação dos seus meios de vida**. – 11ª edição – Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010, p. 33-34.

<sup>5</sup> DAVIS, Mike. **Holocaustos coloniais**. – tradução de Alda Porto – Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 30-32.

parte considerável da população. Um componente decisivo na ampliação das epidemias - sejam as de fome, sejam as epidemias de doenças causadas por vírus, bactérias e parasitas - é o aumento da pobreza e da miséria, associadas às condições de insalubridade e à precariedade dos serviços de saúde.

Seguindo essa linha teórica, entendo que a questão das secas e das epidemias está diretamente ligada às relações sociais de poder, da apropriação dos recursos e de controle do espaço social. Ted Steinberg explica que os chamados “desastres ambientais” são também históricos e culpar a natureza pelas “catástrofes naturais”, tornou-se uma ferramenta usada para fazer avançar interesses políticos diversos na sociedade<sup>6</sup>. Witold Kula observou o impacto desses fenômenos na vida das populações pobres, nos denominados, “países subdesenvolvidos”.

Las letanías invocando el amparo contra "las tormentas, el hambre, el fuego y la guerra" se suceden durante siglos y, aunque no existe actualmente el temor ante las malas cosechas o las epidemias en la vida cotidiana de las sociedades alta o medianamente desarrolladas económicamente, no deja de ser aún una realidad en los países subdesarrollados.<sup>7</sup>

Nesse quadro, os problemas relacionados ao mundo do trabalho estavam inseridos, pois nos momentos de crise social, dentre as soluções apontadas pelas classes dominantes estavam a disciplinarização e o controle social através do trabalho. No caso das epidemias, as principais propostas eram a vigilância e o isolamento dos contingentes de pobres, estigmatizados como sendo causadores dos problemas de saúde. Assim ocorreu nas crises sociais relacionadas às doenças que varreram a região do Cariri, na segunda metade do século XIX. O impacto das epidemias e as medidas tomadas pelo poder público em relação aos pobres, foram devastadoras em alguns episódios.

Uma das epidemias que mais repercutiu no Cariri foi a de cólera, na década de 1860. Antes mesmo do seu surgimento na região, as autoridades locais e os homens letrados se preocupavam com o problema.

#### A COMISSAO DE SOCORRO.

Sendo possível que não fiquemos a salvo do terrível contagio do cholera-morbus que vaee devastando tantos pontos importantes do Brasil, e

---

<sup>6</sup> STEINBERG, Ted. **Acts of God: the unnatural history of natural disaster in America**. – Second edition - . New York: Oxford University Press, 2006.

<sup>7</sup> KULA, Witold. **Problemas y métodos de la Historia Económica**. Barcelona: Ediciones Península, 1977, p. 530.

convindo antes de tudo prepararmo-nos para arrostar os efeitos do mal que nos amiaça, é mister que neste nobre empenho, emitamos o que se tem praticado em outras partes, onde as classes mais abastadas da sociedade reconhecendo que os recursos do governo são por demais exiguos para acudir a todos em geral, socorreram com promptos donativos e esmolas a pobreza desvalida, que quasi sempre succumbe nas crises epidemicas, se a caridade publica e particular não lhe proporciona os meios para ajudal-a a vencer o mal commum. Demos pois igualmente no Crato um exemplo de caridade, contribua cada um antecipadamente com o donativo que estiver em suas forças, entregando-o a um dos membros da Comissão abaixo assignada afim de que tenha o destino conveniente no momento opportuno. A Comissao de socorro espera que nem um dos cidadãos a quem falla em nome de um dever tão sagrado, negue-se a um reclamo tão justo: a caridade é entre as virtudes christans a que mais engrandece o homem e q' mais agrada a Deus. Crato, 16 de março de 1856. Os membros da comissao. João Clemente Pessoa de Mello, Leandro de Chaves Mello Ratisbona, Antonio Raimundo Brigido dos Santos, Joaquim Lopes Raimundo Bilhar.<sup>8</sup>

O apelo da comissão de socorros públicos não surtiu o efeito esperado. No ano de 1862, com o aparecimento da doença, os recursos disponíveis para atender à população com alimentos eram mínimos, além da falta de medicamentos paliativos. Juciello Ferreira Alexandre estudou as representações da epidemia do cólera, nas páginas do jornal *O Araripe*, que atingiu o Cariri. No final de abril de 1862, a doença chegava à região, e naquele periódico, foi representada metaforicamente como o *anjo do extermínio*, uma representação vinculada à ideia de um castigo divino<sup>9</sup>.

Ao longo de quase uma década (1855-1864), o semanário divulgou a marcha da *peste*, as localidades atacadas, o número de vítimas, os problemas de abastecimento, indicou remédios em voga, publicou orações, entre outros textos relacionados ao assunto. [...] *O Araripe*, ao tratar do cólera, mesclou de forma criativa discursos políticos, religiosos, científicos e populares, demonstrando, assim, o caleidoscópio de olhares com que a doença foi apreendida então, ou seja, como o cólera foi representado pelos sujeitos históricos, responsáveis pelo órgão em meados do XIX, a partir do lugar social ocupado pelos mesmos.<sup>10</sup>

Em um momento anterior, mais especificamente no ano de 1856, o governo provincial considerava os gastos com a prevenção do cólera como dispendiosos e desnecessários. O relatório da contabilidade do governo questionava diretamente a utilização do dinheiro público para combater a doença.

<sup>8</sup> Jornal O ARARIPE, 29 de Março de 1856, p. 3. Coleção Digital, Centro de Documentação do Cariri (CEDOCC).

<sup>9</sup> ALEXANDRE, Juciello Ferreira. **Quando o “anjo do extermínio” se aproxima de nós: representações sobre o cólera no semanário cratense O Araripe (1855-1864)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em História, João Pessoa, 2010, [245f], p. 2.

<sup>10</sup> ALEXANDRE, *op. cit.*, p. 14-16.

Na provincia do Ceará não houve epidemia. E esta, já em Julho d'este anno, estava extincta ou quasi extincta nas provincias em que lavrou. Não posso, pois comprehender quaes as causas que, d'essa epoca em diante, podessem obrigar o Presidente do Ceará a despender com medidas preventivas de um mal que já não existia a somma de 18:640\$643 reis! A despesa está feita. E n'este como verá o Governo o que é mais conveniente – se approval-a, estranhando ao Presidente a pouca economia que empregou no despendio dos dinheiros publicos, ou se acceitar os gastos feitos, sem observações. <sup>11</sup>

Seis anos mais tarde, os relatórios provinciais demonstravam outra percepção, ao destacarem o grave quadro da epidemia em todo o Ceará, do qual, faço a menção ao comentário sobre o Cariri<sup>12</sup>. De epidemia extinta, o cólera naquele momento passava a ser retratado como um flagelo.

Não eram infundados os receios que a V Ex<sup>a</sup> manifestei da invazão do cholera morbus nesta provincia, que está hoje a braços com este terrivel flagelo. Desde o dia 5 do mez proximo passado declarou-se elle de um modo indubitavel na cidade do Icó, e d'alli se tem propagado ás freguesias da Telha e Lavras, á de Milagres na comarca do Jardim, e á cidade do Aracaty, que dista 30 legoas desta capital, onde tambem já se váe notando alguma alteração na saúde publica. [...] Remetti novas ambulancias para o Crato e Icó, por não serem sufficientes as que antes tinham sido enviadas; do mesmo modo mandei tambem remedios e bouta para o Aracaty, S Bernardo, Telha, Saboeiro e Cachoeira. [...] Peço a V Ex<sup>a</sup> a approvação das medidas e despesas, que têm sido realizadas na Thesouraria de Fazenda, e das que, não tendo ainda sido feitas, estão auctorizadas. <sup>13</sup>

Este ofício foi enviado no mês de maio de 1862. Dois meses depois, o governo imperial era informado do número crescente de mortos devido à doença. Todas as regiões do Ceará estavam representadas.

Relação das pessoas fallecidas de cholera morbus nas diversas localidades da Provincia.

Crato (cidade) até 15 de Julho – 550

Crato, resto do Termo – 550

Toda Freguesia – 900

Jardim com Porteiras (toda Freguesia) – 400

---

<sup>11</sup> PROVÍNCIA DO CEARÁ. Relatório da Contabilidade do Governo da Província do Ceará, em 17 de Novembro de 1856. Livro \*IJJ<sup>9</sup> 178, Arquivo Nacional (AN).

<sup>12</sup> Sobre a trajetória da epidemia de cólera no Ceará Cf. ALEXANDRE, *op. cit.*, p. 47-66.

<sup>13</sup> PROVÍNCIA DO CEARÁ. Ofício do Presidente da Província do Ceará, José Antonio Machado, ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, José Ildefonso de Souza Ramos, em 04 de Maio de 1862. Livro \*IJJ<sup>9</sup> 181, AN.

Milagres, Barbalha e Missão Velha – 200  
Inhamuns (Termo) extinto – 284  
Saboeiro com S. Matheus (extinto) – 400  
Assaré até 7 de Julho – 15  
Telha (Termo) extinto – 300  
Lavras (Termo) extinto – 350  
Icó (Termo) extinto – 700  
Russas (Termo) quasi extinto – 400  
Aracaty (Termo) extinto – 600  
Cachoeira extinto – 49  
Cascavel (Termo) até 21 de Julho – 340  
Aquiraz (Termo) – quasi extinto – 160  
Maranguape, villa e arredores – 800  
Jubaia, Santo Antonio, Tubatinga – 260  
Pacatuba, Guaiuba, Rio Formoso, Pavuna Peperi, Mangua – 800  
Mecejana e arredores e Mucuripe – 80  
Baturité (cid<sup>e</sup>) e arredores visinhos ate 25 – 830  
Acarape até 24 – 275  
Quixeramobim até 22 de Julho – 110  
Capital até hoje (quasi extinto) – 309  
Secretaria do Governo do Ceará em 31 de Julho de 1862. <sup>14</sup>

Além das representações sobre a doença, as ações realizadas pelo poder público diante da mesma, traduzem o problema social que as classes subordinadas vivenciaram naquele momento. Como explica Sidney Chalhoub, os pobres não eram vistos como potencialmente perigosos, apenas na questão da criminalidade ou da ociosidade. Mas também, porque na visão das classes dominantes, representavam perigo de contágio, no sentido literal da palavra<sup>15</sup>.

Ao pesquisar a documentação existente no Arquivo Nacional, encontrei um documento interessante, que revela as ações de um médico na região do Cariri, enviado pelo governo provincial para atuar no enfrentamento da epidemia de cólera. Trata-se do relatório de Antonio Manoel de Medeiros, médico do exército, que atuou no Cariri em

---

<sup>14</sup> PROVÍNCIA DO CEARÁ. Ofício da Secretaria do Governo do Ceará para o Ministério dos Negócios do Império, em 31 de Julho de 1862. Série Interior Negócios de Províncias e Estados – Ofícios de diversas autoridades. Livro \*IJJ<sup>9</sup> 181, AN.

<sup>15</sup> CHALHOUB, Sidney. **Cidade FebriI: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 29.

momentos distintos. Primeiro, no ano de 1862, no caso já citado. Dezesete anos depois, o mesmo médico trabalharia no combate à epidemia de varíola, inclusive sendo atingido pela doença e vindo a falecer por este motivo. Voltando ao momento do trabalho de Antonio Medeiros no combate ao cólera, suas primeiras impressões destacavam as preocupações com o quadro de calamidade que ia encontrando no caminho entre a capital Fortaleza, e a cidade do Crato, viagem que se iniciou no dia 14 de março de 1862 e teve seu término apenas no dia 08 de abril daquele ano. Segundo Medeiros, a falta de cavalos possantes e a ocorrência de muitas chuvas fizeram a viagem se prolongar mais do que o normal.

Á um medico viajando, em quadras de tamanho perigo e confusão, è absolutamente impossivel o estudo das condições climatologicas das localidades que percorre, dos costumes, alimentação e idiosyncrasia das populações, que visita: porque os trabalhos clinicos lhe absorvem o tempo que devem consagrar ao repouso; a continua agitação lhe gasta a intelligencia, os pezares, os cuidados, desvião-lhe o espirito de qualquer outro assumpto. Elle se vê obrigado a percorrer noite e dia a pè ou a cavallo, centenares de habitações, ministrando remedios e quasi sempre manipulando-os. Na cama, na mesa, dá consultas, e ouve a relação de desgraças tamanhas, que dobrão a impassibilidade de um homem da profissão, habituado pelo seu triste dever à impressão dos gemidos e da dor.<sup>16</sup>

Ao chegar ao Crato, Medeiros se reuniu com a Câmara Municipal e com a Comissão de Socorros Públicos da cidade, instruindo quais seriam as medidas que deveriam ser tomadas para impedir a progressão da doença. Em seu plano constavam a divisão da cidade em quarteirões e a definição de um lugar específico para o cemitério dos falecidos por causa do cólera. As sepulturas deveriam ser invioláveis e fogueiras deveriam ficar acesas todas as noites, na cidade. E todas as recomendações deveriam ser publicadas nos jornais.

Não foi sem resultado este meo alvitre; porque a parte inteligente da população soube tirar o melhor partido das minhas indicações; mas os meos conselhos não poderão penetrar à classe miserável, cujo desaso e ignorância são mais que merecedores da atenção do governo; e eu só vejo um meio de combater, ordenando-se em taes occasiões, predicas nas igrejas, para que o povo ouça e comprehenda, o que preciso lhe é, da boca de seo parochó. Este alvitre seria melhor que fazer gemer ao mesmo tempo todos os prelos com conselhos e prescripções medicas. A palavra autorizada de um padre penetra mais n'esta ultima camada da sociedade, alcança-a melhor.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> PROVÍNCIA DO CEARÁ. Relatório do médico Antonio Manoel de Medeiros enviado ao Presidente da Província do Ceará, José Bento da Cunha Figueiredo Junior, em 13 de Dezembro de 1862. Livro \*IJJ<sup>o</sup> 182, AN.

<sup>17</sup> Idem.



A percepção do médico fazia parte do pensamento predominante entre a população instruída, a de que, os hábitos dos pobres eram nocivos à saúde pública. De todo modo, Medeiros entendia que o esclarecimento e não a repressão, seria o instrumento para que a doença fosse combatida. Daí o recurso de solicitar aos padres que ensinassem à população, as medidas que deveriam ser tomadas. A crítica do médico não ficou restrita aos mais pobres. Em seu relatório, Medeiros deixou claro que os mais ricos não se preveniam, talvez por quererem economizar, o que traria, segundo ele, consequências funestas. Após uma semana na cidade do Crato, Medeiros dirigiu-se para a vila de Milagres, distante cerca de oitenta quilômetros. Lá, visitou os sítios “Cachorra-morta” e “Salgadinho”. O relato toma tons de dramaticidade, diante do quadro encontrado.

No primeiro d'estes sitios, encontrei quatro indios affectados do cholera-morbus, os quaes mediquei, deixando-os fora de perigo. Entendi-me com o mestre de resas d'aldeia, unica pessoa de certas habilitações que encontrei, e instruindo-o sobre o que devia fazer no futuro, deixei-lhe alguns medicamentos para ir soccorrendo os selvagens, que se achavão em um estado de miseria indisivel, quasi nús, e sem alimento, que algum milho verde, algum feijão, substancias estas por demais nocivas á alimentação de um doente, e mesmo perigosa para os que não soffrem, quando no lugar tem-se manifestado uma epidemia. Não se achava n'aldeia o seo director, o major Manoel Josè de Sousa, homem philantropo, que mais logo vindo em socorro de seos tutelados, pereceo no meio delles, com o mestre d'aldeia, ambos victimas de seo zelo e dedicação.<sup>18</sup>

A condição de miséria tornava-se o agravante que Medeiros já percebia e lamentava, chegando a registrar que, mesmo tendo solicitado à comissão sanitária e até ao delegado de polícia de Milagres, socorro imediato aos índios, nada fora realizado. No entanto, ao retornar ao Crato, no dia 21 de abril de 1862, o estado sanitário encontrado o deixara estarecido. Mesmo assim, Medeiros decidiu não informar às autoridades, temendo que isso desanimasse de algum modo, a população. Ao mesmo tempo, ele solicitou ao governo provincial, nova ajuda.

O relatório é bem detalhado. Nele podem ser encontradas as prescrições aos pobres, para que melhorassem suas habitações, e, para a população em geral, para que os medicamentos fossem usados corretamente. Jucieldo Alexandre fez uma compilação das prescrições do médico, publicadas em *O Araripe*.

---

<sup>18</sup> PROVÍNCIA DO CEARÁ. Relatório do médico Antonio Manoel de Medeiros enviado ao Presidente da Província do Ceará, José Bento da Cunha Figueiredo Junior, em 13 de Dezembro de 1862. Livro \*IJJ<sup>9</sup> 182, AN.

Recomendava às *pessoas abastadas* – em outras palavras, com dinheiro para gastar nas boticas, distantes da realidade financeira da maior parte da população – que adquirissem e mantivessem em suas residências, ao alcance das mãos, determinadas quantidades de *vinagre, cânfora pulverizada, álcool, cantáridas em pó e farinha de mostarda*. A mistura dessas substâncias – junto com um pouco de *pimenta em pó e alho pisado*, popularmente utilizados no tratamento de várias doenças – em uma garrafa, posta em descanso por oito dias, produzia uma infusão eficaz para tratamento das *câimbras* e *frios* próprios ao cólera. Seu uso devia se dar por meio de fricções nas pernas e na espinha dorsal, “até conseguir-se a volta do calor” normal do corpo. Uma solução de uma libra de *álcool canforado* com quatro onças de *amoníaco líquido* também podia ser utilizada para as fricções. Sugeriu ainda o maior asseio possível nas casas, a ingestão somente de água armazenada no dia anterior (conhecida popularmente como *água dormida*), o uso de camas, cobertores de lã e algodão. Durante o surto, era recomendável que ninguém levantasse da cama sem antes beber um pouco de café, uma colher de *genebra de Holanda* ou meio cálice de *boa aguardente*. Era ainda bom evitar sair de casa *não muito abrigado do ar* (agasalhado) depois das seis horas, fazer uso moderado de comida, especialmente à noite, e “abster-se finalmente de toda a sorte de fructas”. Concluía afirmando que “apenas se apresente o menor incommodo, seja mesmo uma azia”, a pessoa devia consultar-se com um médico.<sup>19</sup>

O médico Antonio Manoel de Medeiros continuou a se revezar entre o entendimento na cidade do Crato e as visitas às demais localidades, como Jardim e Missão Velha. Durante seu périplo, o mês de junho de 1862 foi relatado como sendo um dos mais graves da ocorrência da doença. Entre 26 de junho e 07 de julho daquele ano, a cifra diária era de 48 mortes. Até os coveiros faleciam após terem contatos com os defuntos.

Releva no entanto dizer a V. Exe. que, não obstante isto, não havia quem recusasse, a pequeno salario, teve-se bastante gente para conduzir e sepultar os cadaveres, o que foi talvez um facto singular no Ceará, porque também a população pobre do Cariry é uma gente única na provincia pela sua audacia e afoitesa. Naturalmente desasada, ou negligente, prima por sua coragem é capaz de afrontar os maiores perigos. Homens mal vestidos e descalços, os coveiros e carregadores andavão ao sol ardente, e durante o frio intenso da noite, sem a menor precaução; tomavão os cadaveres e conduzião; levando pendurado no carro carne que compravão, comião sobre elle, e ahi deitados voltavão do cemiterio procurando novos cadaveres para sepultar!<sup>20</sup>

Através de sua visão de médico e militar, Medeiros traduzia de certo modo, o pensamento científico de meados do século XIX. Segundo Chalhoub, apesar das teorias sobre a transmissão das doenças estarem divididas em duas grandes linhas, a do

---

<sup>19</sup> ALEXANDRE, *op. cit.*, p. 141-142.

<sup>20</sup> PROVÍNCIA DO CEARÁ. Relatório do médico Antonio Manoel de Medeiros, 13 de Dezembro de 1862, Livro \*IJJ<sup>9</sup> 182, AN.

contágio e a da infecção, muitas vezes se combinavam de maneiras imprevistas e originais<sup>21</sup>. Medeiros parecia oscilar entre as duas linhas, com uma tendência maior pela segunda. De todo modo, suas propostas de ação foram atendidas, na medida do possível, dentro dos poucos recursos disponíveis. Ao fim de seu relatório, sugeria que os médicos tivessem uma autoridade maior durante as epidemias, e que, presidissem as comissões de socorros existentes em todas as cidades, além de serem ouvidos quando da elaboração das posturas municipais. Como explica Chalhoub, a alegação da “cientificidade” e da neutralidade das decisões administrativas, comuns a muitos médicos e demais profissionais ligados à área da saúde na época, bem como aos governos, traziam em seu cerne, a violência contra a cidadania, pois se os imperativos eram científicos, não havia o que negociar. Habitações deveriam ser removidas, populações deveriam se subordinar às ordens da medicina.

Dezessete anos mais tarde, o Cariri era atingido por uma epidemia de varíola, em plena seca de 1877/79. O médico Antonio Manoel de Medeiros estava de volta à região, para o tratamento dos doentes. Mas dessa vez, o próprio Medeiros seria acometido da enfermidade. Em ofício de junho de 1879, o médico comentava a precariedade das condições sanitárias de Crato e de Jardim, além da repugnância da população à vacinação. Segundo ele, apesar da recomendação para a criação de lazaretos, não havia recursos para a construção dos mesmos, o que levou o presidente da província a encaminhar o pedido para o governo imperial<sup>22</sup>. Diante disso, os recursos para a construção foram liberados. Medeiros, já enfermo, encaminhou outro ofício para o governo cearense, solicitando que aquele ficasse encarregado do tratamento dos indigentes acometidos pela varíola no Crato, Missão Velha, Barbalha e vizinhanças. Este foi o seu último relato.

As epidemias nos lugares montanhosos como este, são ordinariamente de mais funestas consequências, porque os povoados estão collocados em posição relativamente baixas, em que não é possível manter-se a desejada salubridade. O intenso frio das noites e manhãs aqui é prejudicial a qualquer molestia e maxime na variola que reclama uma

---

<sup>21</sup> “Em outras palavras, os contagionistas achavam que o aparecimento de uma determinada moléstia sempre se explicava pela existência de um veneno específico que, uma vez produzido, podias se reproduzir no indivíduo doente e assim se espalhar na comunidade, e isso independentemente da continuação das causas originais reinantes quando da produção do veneno. Por infecção se entendia a ‘ação exercida na economia por miasmas mórbidos’. Ou seja, a infecção se devia à ação que substâncias animais e vegetais em putrefação exerciam no ambiente”. In: CHALHOUB, *op. cit.*, p. 64.

<sup>22</sup> PROVÍNCIA DO CEARÁ. Ofício do Presidente da Província do Ceará, José Julio de Albuquerque Barros, ao Ministro e Secretário. de Estado dos Negócios do Império, Carlos Leoncio de Carvalho, em 16 de Junho de 1879. Livro \*IJJ<sup>9</sup> 189, AN.

temperatura branda. A syphilis constitui uma outra causa de grandes complicações no tratamento. os indigentes só procuram os lasaretos nas proximidades da morte. Os que entram no primeiro ou segundo periodo sahem curados. Os casos de variola hemorragica no sexo feminino são numerosos, mesmo entre as crianças. Trato de estudar as causas d'este phenomeno. [...] A população do Cariry é em geral pauperrima e actualmente a mais infeliz da provincia, porque os recursos de seo fertil solo são consumidos pelos emigrantes que começam a affluir de todas as partes onde chegaram os rigores da secca nestes trez annos. Se não fossem as fructas silvestres de que a natureza é pródiga nesta immensa região, o Cariry estaria deserto, ou a morte teria arrebatado a ricos e pobres. Pronuncio-me assim porque tenho pleno conhecimento desta terra. A miseria, a nudez e a desolação em que se acham cerca de sessenta mil pessoas, arranca-me esse reclamo em seo favor, unico motivo que me levou a acceitar a honrosa comissão que V Ex<sup>a</sup> approve confiar-me, assim como tenho acceitado outras, em diversas calamidades que tem ferido esta região.<sup>23</sup>

No mês de julho de 1879, Antonio Manoel de Medeiros seguiu para Fortaleza, onde faleceria algum tempo depois, vítima da varíola. Ele percebera que a miséria da população, os problemas causados pela seca e a migração de milhares de pessoas para o Cariri, combinavam-se com a epidemia. E que os mais pobres eram os mais severamente atingidos. Doenças, secas, fome e miséria formavam uma combinação perigosa para a população pobre do Ceará.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retorno a Witold Kula. Segundo ele, as chamadas catástrofes elementares como as pragas, epidemias, enchentes, secas ou mesmo a fome, tem consequências diversas sobre as diferentes classes sociais. Não estão, portanto, desligadas das relações sociais humanas em toda sua extensão, não deixam de ser um fenômeno social e assim devem ser entendidas e também estudadas<sup>24</sup>. As forças sociais e as forças naturais mantêm uma relação de interdependência no decorrer histórico<sup>25</sup>. Assim, quando alguns

---

<sup>23</sup> PROVÍNCIA DO CEARÁ. Ofício do médico Antonio Manoel Medeiros ao presidente da Província do Ceará, José Júlio de Albuquerque Barros, em 08 de Junho de 1879. Série Interior Negócios de Províncias e Estados – Ofícios de diversas autoridades. Livro \*IJJ<sup>9</sup> 189, AN.

<sup>24</sup> “Por lo demás, las plagas elementales y las devastaciones bélicas son en realidad unos fenómenos que se conjugam estrechamente em la historia y los cuales – hecho esencial – influyen de uma forma análoga em la vida social y económica.” In: KULA, *op. cit.*, p.532.

<sup>25</sup> “La subordinación del hombre a la naturaleza es um fenómeno constante, inevitable aunque no fuera más que porque es inevitable para la existencia humana la transformación de las materias naturales. Cuanto más aprenda a utilizar las posibilidades que le ofrece la naturaleza, cuanto más la domine, más

problemas de “ordem natural” são superados, outros problemas surgem, sendo que, o mais importante, é perceber o significado dos mesmos para cada classe social, ainda mais em sociedades em que a desigualdade é extrema. Uma geada, por exemplo, pode ser ou não uma “praga”, dependendo das condições sociais existentes. Por outro lado, a ocorrência desses fenômenos exigia dos governos ações específicas, que eram determinadas pela correlação das forças políticas. Aos trabalhadores, excluídos da participação política formal - a não ser na condição de eleitores, para aqueles que se enquadravam nos critérios censitários eleitorais, foi preciso buscar outras formas de participação.

Nas diversas crises sociais vividas no Cariri, da segunda metade do século XIX, não foi diferente. Os setores mais pobres, os trabalhadores em geral, livres e escravizados, foram os mais duramente atingidos. Certas vertentes explicativas discutem os fenômenos aludidos como sendo “calamidades naturais”, ou “desastres ambientais”, conforme o contexto e a percepção teórica. Segundo essas abordagens, as chamadas “forças da natureza” operariam indistintamente sobre a humanidade, de tal maneira que, os desajustes, revoltas, movimentações políticas dos trabalhadores seriam causados, ou motivados, por questões de ordem biológica, como no caso das epidemias de fome e nas ocorrências da seca. Ao ser entendida apenas como fenômeno natural, a seca acabou tornando-se a chave explicativa para todo o processo de conflitos sociais que movimentavam o sertão. Frederico de Castro Neves propôs outro quadro explicativo, no qual as práticas e ações dos movimentos sociais populares rurais, no Ceará, estavam condicionadas pelas experiências e pela realidade socioeconômica e cultural, sem que, se deixe de levar em conta o impacto das calamidades, tanto das secas, quanto da fome<sup>26</sup>. A questão deixa de ser apenas “natural”, para ser compreendida em termos históricos, com suas repercussões entendidas a partir das relações sociais em que aconteceram.

---

há de depender el hombre de ella. Esta conclusión, aparentemente paradójica, es la resultante del carácter necesario de las necesidades sociales”. Idem, p. 528.

<sup>26</sup> “A fome e a seca, portanto, compõe um quadro estrutural que as ações dos retirantes necessariamente deve refletir: a seca provoca a fome generalizada que leva os sertanejos a movimentarem-se em busca de alimentos e que finalmente, famintos e desesperados, atacam, invadem as cidades e armazéns para saciar suas necessidades vitais. A ação é assim apresentada como um “espasmo biológico” resultado do aguçamento das condições críticas do organismo debilitado pela carência alimentar.” In: NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000, p. 15.

## **FONTES**

Jornal O ARARIPE, 29 de março de 1856, p. 3. Coleção Digital, Centro de Documentação do Cariri (CEDOCC).

PROVÍNCIA DO CEARÁ. Relatório da Contabilidade do Governo da Província do Ceará, em 17 de novembro de 1856. Livro \*IJJ9 178, Arquivo Nacional (AN).

PROVÍNCIA DO CEARÁ. Ofício do Presidente da Província do Ceará, José Antonio Machado, ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, José Ildefonso de Souza Ramos, em 04 de maio de 1862. Livro \*IJJ9 181, AN.

PROVÍNCIA DO CEARÁ. Ofício da Secretaria do Governo do Ceará para o Ministério dos Negócios do Império, em 31 de julho de 1862. Série Interior Negócios de Províncias e Estados – Ofícios de diversas autoridades. Livro \*IJJ9 181, AN.

PROVÍNCIA DO CEARÁ. Relatório do médico Antonio Manoel de Medeiros enviado ao Presidente da Província do Ceará, José Bento da Cunha Figueiredo Junior, em 13 de dezembro de 1862. Livro \*IJJ9 182, AN.

PROVÍNCIA DO CEARÁ. Ofício do Presidente da Província do Ceará, José Julio de Albuquerque Barros, ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, Carlos Leoncio de Carvalho, em 16 de junho de 1879. Livro \*IJJ9 189, AN.

PROVÍNCIA DO CEARÁ. Ofício do médico Antonio Manoel Medeiros ao presidente da Província do Ceará, José Júlio de Albuquerque Barros, em 08 de junho de 1879. Série Interior Negócios de Províncias e Estados – Ofícios de diversas autoridades. Livro \*IJJ9 189, AN.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira. *Quando o “anjo do extermínio” se aproxima de nós: representações sobre o cólera no semanário cratense O Araripe (1855-1864)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em História, João Pessoa, 2010.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira e a transformação dos seus meios de vida*. – 11ª Edição – Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais*. – Tradução de Alda Porto – Rio de Janeiro: Record, 2002.

KULA, Witold. *Problemas y métodos de la Historia Económica*. Barcelona: Ediciones Península, 1977.

NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

REMOND, René. *O século XIX – 1815-1914*. – Tradução de Frederico Pessoa de Barros – 7 ed. - São Paulo: Cultrix, 1995, p. 125.

STEINBERG, Ted. *Acts of God: the unnatural history of natural disaster in America*. – Second edition - . New York: Oxford University Press.

THOMPSON, Edward P. “Algumas observações sobre classe e ‘falsa consciência’”. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. – Organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

---

***Darlan de Oliveira Reis Junior***

Doutor em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

---